

Percepções de um adolescente

Gustavo Costa

Texas Tech University

Sexta feira. Leonel chegou do trabalho às sete da noite, as crianças e sua esposa já estavam com as malas prontas para partirem para a casa do lago, em Alvorada, uma pequena comunidade onde se encontravam algumas casas de veraneio, chalés e um comércio básico. O lago ficava a mais ou menos uma hora de distância da casa da família. Gael, adolescente, com seus catorze anos, e Luca, três anos mais novo, esperavam ansiosos pela sexta feira, depois de uma semana inteira de aulas e tarefas escolares. Samanta, esposa e mãe, uma mulher de quarenta e seis anos, com uma personalidade forte, era a menos empolgada pela viagem do fim de semana. Somente aceitava fazer a viagem para agradar os filhos, já que Leonel viajava muito a trabalho, encontrando-se com a família quando chegava a casa na Sexta.

Leonel Pátrias Vega, juiz, chegando a seus cinquenta anos. Há algum tempo que a relação com Samanta já não era o mesma. Ir à casa do lago era uma maneira de manter a família unida e tentar a convivência através do contato com os filhos. Gael, talvez por ter um pouco mais de idade, já notava um pouco da estranha relação dos pais. Luca, por sua vez, somente queria andar de bicicleta na rua de casa, em meio aos jardins abertos dentro do condomínio onde moravam. Samanta não trabalhava, apenas cuidava dos meninos.

Chegaram à Alvorada por volta de nove da noite. Ali se encontrava o chalé, todo de madeira, aconchegante, com uma sacada, a poucos metros do lago. Havia muitas árvores nas laterais do chalé, quase o cobriam, deixando apenas a visão frontal para se apreciar o amanhecer e o entardecer do lago. Como já era noite, os meninos, cansados, foram dormir e os pais decidiram tentar conversar na sacada, ele fumando e ela tomando uma taça de vinho. Depois de alguns minutos, escutou-se o choro raivoso de Samanta e os passos abruptos de Leonel dentro do chalé. Deitando-se na cama, cobre-se e vira-se de lado. Samanta, por sua vez, acabou adormecida no sofá rústico da sacada. Acordou com o sol em sua face e com Luca gritando com seu irmão para que fossem à beira do lago. Era um mês de Abril, não fazia muito calor nem muito frio, um clima agradável. Gael, acompanhando o irmão, trazia sua máquina fotográfica, pois queria tirar fotos da paisagem do lago para mostrar aos seus amigos. Samanta via um filme na televisão e Leonel havia ido ao mercado local, retornando pouco tempo depois sem nada em mãos. O dia foi passando e tudo parecia normal, um dia rotineiro, sendo que os únicos que verdadeiramente aproveitavam o momento e o lugar eram os filhos, já que os pais, cada um num canto, se preocupavam com eles próprios.

A noite de Sábado chegou. Gael e Luca não faziam barulho. Samanta, preocupada, perguntou a Leonel sobre as crianças. Leonel lhe disse que estavam no quarto, e Samanta, com raiva, retrucou:

- Então vá e veja se estão lá. Não estão. Já está escuro. Faça alguma coisa. Não pode olhar seus filhos pelo menos no fim de semana?

Leonel, apreensivo, começou a chamar os filhos, sem nenhuma resposta. A preocupação se notou e o desespero bateu. Samanta, perplexa, dizia ao marido que ela não conseguia vigiar os

meninos o dia todo, que Leonel tinha a obrigação de ajudá-la, pelo menos no fim de semana que estava com eles. Insultos iam e vinham, e ambos começaram a procurar os meninos por meio as árvores e na beira do lago. Cada um com uma lanterna, gritando, desesperados. Decidiram se separar, já que a área era muito grande. Leonel continuou procurando perto do lago e Samanta decidiu ir perguntar ao chalé próximo que estava com uma luz acesa. Bateu na porta e uma senhora atendeu. Disse não ter visto e nem ter escutado ninguém, fechando logo a porta, dando a impressão de não querer ser incomodada. Decepcionada, e aos prantos, Samanta caminhou por meio das árvores em direção ao lago, onde se encontrou com Leonel. Decidiram que o melhor a se fazer era voltar à casa e ligar para a polícia. Nesse momento, os dois esqueceram suas diferenças conjugais e se uniram em busca dos filhos. Seria necessária uma desgraça para unir o casal novamente? Abraçados, com o coração na mão, choravam, arrependidos. Sentiam-se culpados? Voltaram ao chalé.

Leonel pegou o telefone. Samanta se jogou no sofá da sala, aflita. O celular não estava funcionando, não havia sinal. O que fazer? Leonel tentou acalmar Samanta:

- Vamos encontrá-los! Eles têm que estar por perto. Gael é responsável e não deixaria Luca sozinho.

Samanta, por sua vez, respondeu:

- Já procuramos em vários lugares, não estão. Tenho medo de que

Leonel confiante, respondeu:

- NÃO! Eles não estão no lago, não se afogaram. Gritariam por socorro, algo teríamos escutado, ainda mais estando os dois juntos.

Leonel dizia à Samanta que não perdessem tempo e que tinham que pensar em algo rapidamente. Então, de repente, no meio daquele silêncio, ambos caminhando na sala do chalé e com a lua fazendo reflexo no lago, chegando até a sacada, um carro se aproximou. Quando o casal escutou o barulho do carro, correram para fora do chalé. Para sua grande surpresa, aí estavam Gael e Luca, sãos e salvos. Leonel e Samanta abraçaram os filhos. O motorista era nada mais nada menos que o senhor Braga, dono de uma das lojas do mercado, conhecido de Leonel. O Senhor Braga não imaginava que os meninos tinham ido ao mercado sem permissão, e como os meninos não lhe tinham dito nada, resolveu levá-los para casa de carro, visto que já era noite. Infinitamente agradecidos, convidaram o senhor Braga para entrar no Chalé, mas ele disse que tinha que voltar pra casa porque sua mulher o estava esperando. Finalmente dentro do Chalé, Luca entrou para tomar banho e Gael, na sala, esperava que os pais lhe perguntassem o porquê de não terem avisado que iam sair. Samanta, visivelmente furiosa, disse:

- Vocês quase nos mataram de preocupação, pensamos que haviam caído no lago, e vocês estavam passeando no mercado? O que me diz rapazinho? Chegou à hora de se explicar!

Leonel também exigiu uma explicação do filho:

- Aproveite que seu irmão está no banho e nos diga tudo, sem mentiras. Você é mais velho que ele, com certeza ele seguiu suas ideias. Vamos! Estamos esperando...

Gael, então, começou a se explicar:

- Vocês querem uma explicação? Que bom que perguntaram pra mim. Sim, a idéia foi minha. O Luca é muito pequeno para entender certas coisas. Vocês dois quase não se falam, nossa família não parece uma família normal. Na verdade, só o Luca e eu estamos nos divertindo. E vocês o que fazem? Cada um fica num canto. Assustamos vocês e funcionou! Pelo menos pudemos ver vocês juntos outra vez. O que adianta passar o fim de semana juntos se na verdade os únicos que estão juntos aqui somos o Luca e eu? Logo ele vai começar a notar que na verdade nossa família está dividida.

Samanta e Leonel, pensativos, olharam um para o outro, envergonhados. Leonel comentou:

- Filho, nunca mais faça isso! Você não entende que há outras maneiras pra resolver essa situação. Poderia ter falado comigo e com sua mãe, e não ter quase matado a gente de preocupação pensando no pior.

Samanta olhou fixamente em Gael, detendo-se alguns segundos, antes de falar algo, por fim, se pronunciou:

- Eu deveria te dar uma surra, mas tudo bem, está livre dessa vez. Seu pai e eu vamos ter uma conversa franca, não é mesmo Leonel?

Luca saiu do banho, abatido, com cara de cansado, olhou pra mãe e perguntou:

- O que vai ter pra comer na janta?